

**CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PUCRS
(ESPECIALIZAÇÃO)**

Instituto de Letras e Artes

- Literatura Infantil
- * Criado pelo Conselho Universitário em 27/4/77
- Informações: ILA – Fone: (0512) 36-9400, ramal 176

Instituto de Psicologia

- Psicoterapia da Adolescência
- * Aprovado pelo COCEP em 12/4/85
- Diagnóstico Psicológico
- * Aprovado pelo COCEP em 28/3/84
- Psicoterapias Humanístico-Existenciais
- * Aprovado pelo COCEP em 11/7/ 85
- Psicologia Escolar
- * Aprovado pelo COCEP em 15/5/80
- Informações: IPS – Fone: (0512) 36-9400, ramal 215

Faculdade de Educação

- Educação Especial: Infra e Superdotados
- * Aprovado pelo COCEP em 18/12/80
- Metodologia do Ensino Superior
- * Aprovado pelo COCEP em 17/7/78
- Supervisores de Treinamento para Empresas
- * Aprovado pelo COCEP em 17/7/78
- Educação Pré-Escolar
- * Criado pelo Conselho Universitário em 28/5/75
- Alfabetização
- * Criado pelo Conselho Universitário em 28/5/75
- Informações: FED – Fone: (0512) 36-9400, ramais 220 ou 235

Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas

- Finanças
- * Aprovado pelo COCEP em 24/4/86
- Administração de Recursos Humanos
- * Aprovado pelo COCEP em 04/12/86
- Informações: FCPE – Fone: (0512) 36-9400, ramal 264

Faculdade dos Meios de Comunicação Social

- Administração em Publicidade/Propaganda – Relações Públicas e Turismo
- * Criado pelo Conselho Universitário em 24/1/78
- Informações: FAMECOS – Fone: (0512) 36-9400, ramal 269

Faculdade de Direito

- Direito Processual Civil
- * Aprovado pelo COCEP em 02/10/86
- Informações: FD – Fone: (0512) 36-9400, ramal 134

Faculdade de Medicina

- 28 Cursos em diversas especialidades médicas
- * Aprovado pelo COCEP em 10/9/87
- Informações: FMED – Fone: (0512) 36-9444, ramal 662
- Medicina Desportiva e Saúde Escolar
- * Aprovado pelo COCEP em 02/10/86
- Informações: CENTRO DESPORTIVO – Fone: (0512) 36-9400, ramal 222

Instituto de Geriatria

- Geriatria
- * Aprovado pelo COCEP em 15/5/80
- Informações: IG – Fones: (0512) 36-8153 ou 36-8613

Escola Politécnica

- Engenharia de Estruturas
- * Aprovado pelo COCEP em 12/4/85
- Projeto de Produtos Industriais ou Desenho Industrial
- * Aprovado pelo COCEP em 11/7/85
- Engenharia de Segurança do Trabalho
- * Criado pelo Conselho Universitário em 27/2/73
- Informações: EPO – Fone: (0512) 36-9400, ramais 294, 284 e 125

Instituto de Informática

- Informática Empresarial
- * Aprovado pelo COCEP em 16/6/88
- Informações: INF – Fone: (0512) 36-9400, ramal 158

Faculdade de Odontologia

- Dentística Restauradora
- * Aprovado pelo COCEP em 24/4/86
- Prótese Dentária
- * Aprovado pelo COCEP em 16/6/88
- Cirurgia e Traumatologia Bucocomaxilofacial
- * Aprovado pelo CFE – Parecer nº 123/86 de 21/2/86
- Informações: FO – Fone: (0512) 36-9400, ramal 123

A DIVINA COMÉDIA DE DANTE ALIGHIERI*

Urbano Zilles
PUCRS

A *Divina comédia* de Dante Alighieri (1265-1321) é a descrição poética maravilhosa de uma época em forma de uma viagem do poeta para o além, através do reino do inferno, do purgatório e do paraíso. Dante não só conhece o mundo antigo, mas o reaviva, Domina e manipula seus mitos e seus heróis, mesclando-os com a concepção cristã do mundo. Incorpora a antiguidade clássica de tal modo que o leitor hoje geralmente necessita de notas para acompanhar a viagem do poeta. Nessa visão grandiosa há o didático, sem diminuir a força poética, com todo um sistema teológico medieval. Ao mesmo tempo retrata a divisão interna da Itália, a miséria das guerras entre os partidos políticos, a degradação e a covardia dos grupos reinantes, a oposição entre o papa e o imperador, os grandes prejuízos na Igreja, de modo especial em sua cabeça, a corrida à caça da posse, simonia e nepotismo. Mas, apesar da ousadia, Dante mostra grande respeito perante a autoridade da Igreja em consonância com sua doutrina. Critica não o pontificado em si mas os pontífices como detentores de poderes temporais. Ontem e hoje, a *Divina comédia* continua sendo um dos maiores e mais universais poemas algum dia produzido pelo gênio humano (Eliot).

Propomo-nos acompanhar essa viagem que se realiza, no poema, em forma de visão. Isso caracteriza a *Divina comédia* como obra medieval. Entretanto significa um esforço de descobrir o divino para além das grosseiras vicissitudes que prendem o homem ao tempo. A época de Dante Alighieri foi de grandes amores e de grandes ódios, época do tudo ou nada. Assim Dante serviu sua cidade (Florença) na guerra, no gabinete e na política. Perdeu-a, foi injustamente condenado e rejeitou humilhar-se a pedir perdão por crimes não cometidos, preferindo longo e duro exílio (1301-1321) até a morte. Amaldiçoou a sua cidade, chegando a pedir ao imperador para que a arrasasse. Situou-a, por isso, no fundo do inferno.

A vida de Dante foi marcada por uma experiência forte. Em 1289, Dante encontrou-se com a jovem Beatriz e se apaixonou por ela. Tal paixão, evidentemente, deve ser considerada nos moldes do tempo e não nos padrões atuais. Mas Beatriz Portinari casou com outro, morrendo em 1290. Depois de sua

* Palestra proferida no dia 31/8/88 no auditório do CPERS a convite do Instituto Estadual do Livro, integrando o projeto *Meu Livro Inesquecível*.

morte, dois aspectos caracterizaram o poeta: a dedicação ao estudo e a participação na vida política. Leu as obras de Boécio e Cícero. Neste período reinava, na Igreja, a questão da sucessão dos papas romanos, uma questão decisiva para Dante. Em 1292, morreu Nicolau V e durante dois anos os cardeais não chegaram a um acordo quanto a seu sucessor. Finalmente, escolheram o eremita Celestino V que, depois de cinco meses, renunciou. Em novo conclave foi eleito Bonifácio VIII, cuja política teocrática o poeta florentino sempre rejeitou.

O papa Bonifácio VIII decidiu instituir o grande jubileu em 1300, anunciando a concessão de indulgências plenárias a todos que fossem rezar nas basílicas dos apóstolos em Roma. A notícia espalhou-se, afluindo grandes multidões de peregrinos à praça de S. Pedro. Dante dirigiu-se, nesta época, ao papa com missão política. Enquanto cumpria sua missão, experimentava, como um homem da massa, as emoções fortes daquela manifestação de fé. Percebeu a significação dos valores espirituais no caminho da vida humana.

O poeta imagina que a grande visão da **Divina Comédia**, escrita mais tarde, tenha tido lugar na primavera ou semana santa, em 1300, quando completou 35 anos de idade:

Da vida ao meio da jornada, tenho perdido o caminho verdadeiro, achei-me embrenhado em selva escura (*Inferno* I, 1-3).

A "floresta escura" é a representação alegórica dos vícios e erros humanos no meio do caminho da vida. Como em S. Agostinho, nas **Confissões**, o relato de seus erros de juventude se tornou a parte popular de sua obra, o inferno de Dante também o é na **Divina Comédia**. Quando já percebia uma colina iluminada, três feras ou vícios lhe impedem o acesso. Subitamente avista um vulto ao qual pede socorro. Beatriz lhe manda Virgílio para libertá-lo e conduzi-lo através do **inferno** e do **purgatório** até entregá-lo nas mãos daquela que o conduziria à serenidade da visão beatífica de Deus. Diz Virgílio:

Estava entre os reclusos do **Limbo** quando fui convocado por Dama tão formosa, tão plena de virtude que, prontamente, suas ordens fui pedindo. Brilhavam seus olhos mais do que a mais radiosa estrela, e com voz própria de criatura angelical, ela piedosamente disse:
"Ó gentil e nobre espírito mantuano, cuja glória no mundo toda perdura e durará tanto quanto a espécie humana: um meu amigo mas não (amigo) da sorte, em lugar solitário e perigoso está aflito a procurar angustiado modo de fugir dall (...). Socorre-o tu, com teu verbo eloquente e, com isso, em muitos serei também consolada. Sou Beatriz, rogo-te que partas" (*Inferno*, II, 52-70).

Por que a escolha de Virgílio? Ora, ele é o artista que imaginara a descida de Enéias ao inferno, uma tradição bem viva na cultura medieval. Virgílio encarna a plenitude dos valores naturais, da filosofia e da razão, enfim, a capacidade humana de descobrir o sentido mais elevado do mundo e das coisas. Acima

dele só resta Beatriz, símbolo da teologia e da própria revelação, ou seja, da sabedoria divina, que é objeto do estudo teológico, pois a teologia é, na Idade Média, a rainha de todas as ciências.

Perdido na "selva escura e tenebrosa" da vida desregrada, Dante chega ao pé da colina onde encontra Virgílio que será seu guia e mestre. Toda a viagem – a ação poemática – deve ocorrer nos dias lutosos da Semana Santa, correspondente à sexta-feira Santa (descida ao inferno), Sábado Santo (purgatório) e domingo da Páscoa (paraíso). A manhã da Páscoa é o momento dos cantos de glória e dos repiques dos sinos, que deixam o inferno e purgatório e penetram no paraíso.

O poeta parte de uma situação pessoal, biográfica, que se torna símbolo da humanidade pecadora. Virgílio, o cantor da fundação do Império Romano, mestre de poesia e também de sabedoria, para a Idade Média, é guia através do **inferno** e do **purgatório** por intercessão de Beatriz do alto do céu. Representando a ciência e o saber humanos, Virgílio pode enfrentar o inferno e o purgatório, mas não o paraíso. Depois Beatriz, estando no paraíso, representando a ciência divina, o guiará. A **Divina Comédia** é, literalmente, uma viagem à base de encontros com muitos e variados personagens, com os quais o poeta fala ou se entretém. É, alegoricamente, o enfrentamento do homem com todos os pecados e suas consequências, um assistir à paulatina purificação de todas as tendências pecaminosas para chegar, em plena libertação espiritual, à contemplação da origem e fonte de todo o saber e de toda perfeição. A **Divina Comédia** pode, enfim, ser caracterizada como uma suma poética na qual Dante retrata o próprio destino da criatura humana em sua passagem pela vida transitória.

1 – Aspectos Gerais

A designação de **comédia** aparece no próprio texto do poema por duas vezes:

O homem discreto evita sempre dizer a verdade quando ela venha a parecer mentira, a fim de não ser injustamente tido por mentiroso. Mas nada posso omitir, leitor, do que vi. Pelos cantos desta **comédia**, eu juro – possam eles receber o teu agrado –, vi subir, nadando com asas por aquele ar pastoso, escuro, uma figura de tal modo assustadora que ao peito mais valoroso e forte causaria espanto (*Inferno*, XVI, 124-132).

Ainda na primeira parte, fala, mais uma vez, em **comédia**:

De ponte em ponte, falando de coisas que neste Poema não cabe referir, atingimos um clímax onde nos detivemos a observar a cova escura da qual subiam choros plenos de sofrimentos (*Inferno*, XXI, 1-6).

No paraíso surge a designação de **poema sacro**:

De modo igual, ao descrever o paraíso, cumpre fazer saltos no **poema sacro**, conforme procede o viajante que encontra barrado o seu caminho (**Paraíso**, XXIII, 62).

Pouco mais adiante:

Se este **poema sacro** – para o qual contribuíram o céu e a terra e em cuja feitura deflinhei por longos anos – puder amenizar o ódio que mantém cerrado para mim o doce redil onde dormi, cordeirinho, infenso aos lobos que lhe movem guerra, com voz mais sonora e com os cabelos já embranquecidos, retomarei poeta e na fonte do meu batismo receberei a coroa de louros (**Paraíso**, XXV, 1-9).

O epíteto de **divina** encontra-se, pela primeira vez, na edição veneziana de 1555. Numa carta dirigida a Casagrande della Scala, Dante explica ter chamado o poema de **comédia** por sua ação dramática e terrível no inferno concluir serena e jubilosa no paraíso. Além disso, argumenta Dante, foi escrito em **língua vulgar** (italiano) e não em **latim**, língua usada para a tragédia. Com isso Dante toma-se o criador da língua italiana, sendo, de um lado, o maior expoente literário da visão escolástica e, de outro, o primeiro grande escritor do Renascimento italiano.

2 – Estrutura da Divina comédia

A estrutura do poema baseia-se numa compreensão das grandes linhas do destino humano. O poema divide-se em três partes cada qual com 33 cantos: o inferno, o purgatório e o paraíso. O primeiro canto é uma espécie de introdução à obra. Três são também os principais personagens: Dante, Virgílio e Beatriz.

Dante procura clarear o destino humano à luz da **razão** (Virgílio) e da **fé** (Beatriz) em sua viagem através do inferno, purgatório e paraíso. O **inferno** é um abismo de terrível escuridão, que se abre na estrutura inferior da terra, em forma de cone ou funil dividido em nove círculos, que se estreita cada vez mais até ao vértice formado por Lúcifer, de cabeça para baixo, para lá precipitado, de sua condição angélica, pelo pecado do orgulho. O purgatório é uma montanha solitária, situada numa ilha do hemisfério sul e no seu cume alastra-se o paraíso terrestre. O **paraíso** ergue-se com seus nove céus até se identificar com o Empíreo onde Beatriz triunfa, na glória de Deus.

A crítica sempre salientou a extraordinária correspondência simétrica dos elementos materiais da visão: 3 são as partes fundamentais da obra; 33 os cantos de cada parte (excluindo o 1º, tido como introdução), tendo um total de 100 cantos; 3 os versos de cada estrofe; 9 o número dos círculos infernais; 9 as seções do purgatório; 9 os céus do paraíso; 9, enfim, as hierarquias do Empíreo. O número igual de versos de cada parte termina com a palavra **estrelas**: "E, saindo, tomamos a ver as estrelas" (**Inferno**, XXXIV); "Sentia-me puro e

disposto a alçar-me às estrelas" (**Purgatório**, XXXIII); "Neste ponto faltou-me alento à minha inspiração. Mas já, então, Deus dominava minha vontade, fazendo-a conforme ao seu amor, qual roda obediente ao mando do motor – amor que move o Sol e as mais estrelas" (**Paraíso**, XXX).

No poema palpita o homem todo na sua vida e na sua fé. Mas palpita, igualmente, a consciência temporal do cidadão que não hesita em identificar o destino definitivo do homem para a eternidade com o ato feito conscientemente no tempo. A interpenetração do temporal e do eterno, na **Divina comédia**, é o mundo das suas grandezas literárias e humanísticas, embora alguns críticos tenham afirmado que o vate talvez tenha ido além do que é lícito a um ser humano no julgamento de seus semelhantes.

3 – O Inferno

O inferno constitui a primeira parte do poema dantesco. É a mais brilhante, mais complexa e mais ordenada. Por um lado, Dante expressa submissão católica e, por outro, proclama ódio pouco cristão. Sendo pobre, não perdoa aos ricos; vencido, não perdoa aos vitoriosos. A todos os inimigos e indiferentes coloca no inferno, ao qual se entra por uma porta com a inscrição ameaçadora: "Deixai toda a esperança, ó vós, que entrais" (III, 9).

Dante situou o inferno debaixo de Jerusalém como abismo circular, estreitando-se de cima para baixo até o centro da terra. Começa a viagem atravessando um vestibulo, ou pré-inferno, no qual se juntam as almas rejeitadas tanto por Deus como pelo Diabo, ou seja, as almas indiferentes ou neutras, que não fizeram o bem nem o mal. O limbo, primeiro círculo do inferno, é lugar onde estão as almas das crianças mortas sem batismo e as grandes figuras do paganismo;

Tomou-me (Virgílio): Estas magoadas queixas partem das almas que viveram indiferentes a Deus, sem jamais por amor a Ele louvor ou repreensão haverem merecido. De envolta com os seus ais, estão os dos anjos pusilânicos, que ao Senhor não foram fiéis, nem rebeldes, mas foram leais apenas a si mesmos. Do céu desterrados com desdouro, no inferno não foram aceitos, para que os anjos rebeldes não possam se vangloriar de em algo serem superiores a estes (III, 34-42).

O inferno é dividido em nove círculos, sendo os cinco primeiros o alto inferno e os restantes o baixo inferno.

Os dois poetas viajam através dos nove círculos do inferno. No primeiro círculo – limbo – estão os **não-batizados**; no segundo, os **sensuais** arrastados pela ventania incessante; no terceiro os **gulosos** fustigados por uma chuva eterna; no quarto, hostilizam-se os **avarentos** e **pródigos** que rolam pesos enormes e se injuriam mutuamente; no quinto, os **iracundos** mergulhados no lago Estige; no sexto, os **hereges** e **Incrédulos** jazem em sepulcros inflama-

dos; no sétimo os que pecaram pela violência contra o próximo, contra si mesmos e contra Deus, submersos em sangue fervente; no oitavo os **sedutores**, açotados por demônios, os **aduladores** imersos em fezes, os **simoníacos** enterrados de cabeça para baixo, os **adivinhos**, os **fraudulentos** e os **hipócritas**, que desfilam em pranto revestidos de pesadas capas de chumbo; os **ladrões** correm em meio a enormes serpentes, os **maus conselheiros**, os **fundadores de seitas** e os **falsários** aí sofrem seus castigos; no nono círculo, estão sofrendo os **traidores** da família, da pátria, dos amigos e dos benfeitores. No fundo do inferno está Satanás ou Lúcifer com três bocas, tragando Judas, Cássio e Bruto. O triplo rosto de Satanás constitui-se num escárnio hediondo da sua tentativa de suplantar o Deus trino e uno.

No inferno são numerosos os grandes episódios como o dos amantes Francesca da Rimini e Paolo; o desdenhoso Farinata; a morte terrível de Ugolino e de seus filhos; Ulisses que, ao querer descobrir novos mundos, pereceu no mar; o suicida Pier Vigne e outros. No sexto círculo, os dois poetas encontram o sepulcro do papa Anastácio II (496-498) que teria sido atraído à heresia pelo diácono de Tessalônica, Fotino. No oitavo círculo encontram o papa Nicolau III esperando por Bonifácio VIII.

A riqueza de invenção e fantasia de tormentos, por vezes, mostra a terrível indignação do poeta contra alguns vícios que corrompem a boa política dos príncipes, como no caso dos aduladores imersos em fezes.

Nos primeiros cinco círculos os pecados são de incontinência. Depois, atravessado o lago de Estige, encontram as muralhas da cidade de Dite, que abrange o resto dos pecados mais graves que são de malícia. É claro que os episódios e personagens do inferno se tomassem os mais famosos, independentemente de seu valor poético, por ser o lugar das grandes paixões e das individualidades poderosas.

Vejamos o episódio de Farinata, no capítulo X. No caminho estreito entre a muralha e os campos tormentosos, o mestre à frente e Dante a segui-lo, subitamente de uma das tumbas ouvem uma voz dizendo:

Ó toscano, que vivo lograste penetrar na cidade ignea e que disso fazes modestia, concede paramos um pouco. O teu acento claramente me revela que foste nascido nessa nobre pátria à qual, suponho, fui um dia molesto (X, 22-27).

Dante é tomado por grande medo, mas seu guia o acalma:

Volta-te, que fazes? Vê, é Farinata, que em seu túmulo se levanta. Podes vê-lo, da cintura para cima (X, 31-33).

Em breves palavras descreve o encontro:

Apenas chegado ao pé da tumba, olhou-me o ocupante e com gesto severo e desdenhoso interrogou: Quem foram teus antepassados? Eu, que de obedecer viera desejoso, nada lhe oculte, dizendo claramente quanto sabia a tal respeito. Os sobrolhos arqueando em menosprezo, comentou ele: Ferozes adversários foram de mim, de minha gente, de meu partido. Por duas vezes eu os dispensei. Prontamente retorquiu: Se foram expulsos, souberam voltar de todos os exílios, enquanto os teus não puderam aprender tal arte (X, 40-51).

No canto XXX é impressionante a capacidade criadora, quando encontra o Conde Ugolino e o Arcebispo Rogério, duas personalidades históricas. Pisa, em 1285, confiara o mando de suas forças ao Conde Ugolino, hábil e sem escrúpulos. O arcebispo Rogério, que no começo apoiara o Conde Ugolino na luta contra a coligação, combateu-o a partir do momento em que o conde assassinou um de seus parentes. Com apoio de famílias, o arcebispo aprisionou Ugolino com seus filhos e netos, trancou-os na torre de Gualandi e depois mandou atirar a chave ao rio Arno. Aí pereceram de fome:

Na torre – chamada depois disso **torre da fome**, onde muitos outros sofrerão iguais tormentos – através de uma fresta pude contar a passagem de muitas luas, quando, certa noite, num sonho mau, fendendo o véu que oculta o futuro, deu-me a notícia do que me fora reservado. Este me apareceu no sonho como guia e chefe de feroz caçada, encurralando um lobo e seus lobinhos naquele monte que aos pisanos impedem enxergarem Lucca. Matilha esfaimada e colérica, formada por Gualandis, Sismondis e Lanfrancos, perseguiram-nos em fúria. Vi, ao fim de curta perseguição, pai e filhos tombarem exangues, os raivosos mastins, rompendo-lhes os flancos sangrantes (XXXIII, 22-36).

Mas não é histórico que Ugolino haja devorado o cadáver dos filhos:

Pai, sofreremos dor menor se de nossa carne te nutrires. Dela, foste tu a nos vestir; agora tira dela o teu sustento (XXXIII, 61-63).

É claro que as medidas físicas e morais do ser humano se percam e deformem no inferno. Por isso aparece a degradação humana ou a infrahumanidade asquerosa e nauseabunda, a monstruosidade, a bestialidade e a hibridez. Há passagens nas quais o leitor sente a força e eficácia da palavra dantesca, sem véus nem reservas.

Em resumo, para a elaboração do poema sobre o inferno, Dante se terá inspirado na literatura e na arte medievais. Aí encontrou concepções populares no teatro, no grande mosaico do batistério de Florença, etc. Sistematizou visões do além de acordo com a doutrina escatológica cristã da época numa arquitetura poética admirável. O inferno situa-se debaixo da terra na forma de cone com seu ponto mais profundo no centro da terra segundo a lei da gravidade. Aí Lu-

gundo reino, onde o espírito humano, purgando suas culpas, faz-se digno de ascender ao Céu" (I, 4-6).

O purgatório é uma ponte entre dois mundos extremos e, de certo modo, um certo ideal entre o inferno e o paraíso. Há um anjo que está sempre na foz do rio Tibre para recolher e encaminhar as almas destinadas a um período de purificação para a ilha. Na viagem ocorrem rituais simbólicos.

O canto I descreve o encontro com Catão e o ritual da imposição das mãos de Virgílio, unedecidas com o orvalho de relva, para lavar Dante da fuligem do inferno, bem como o ato de cingir-se com o junco, cortado e logo renascido, o episódio que mais desafia os intérpretes: "Cinge a este vivente, com a haste do junco, lava-lhe o semblante, para que de toda sombra infernal seja liberto" (I,90).

Os personagens estão menos identificados, no purgatório, pois o comunitário predomina sobre o individual. Nos últimos cantos, dedicados ao paraíso terrenal, descreve uma procissão simbólica representando a história da igreja. Há trechos de grande valor poético e emocional, como os dedicados à aparição de Beatriz e à maravilhosa selva que serve de cenário.

O Canto XIII, por exemplo, descreve detalhes da viagem:

Chegámos ao topo da escada, sítio onde, pela segunda vez cortado, o monte estreita a passagem, que é o caminho das almas que sobem expiando os pecados (XIII, 1-3).

Pouco mais adiante:

Espaço igual aquele que na Terra se conta por milha havíamos coberto, dado que o desejo apressava nossos passos, quando julgamos perceber, voando em nossa direção alguns espíritos invisíveis, alternando em doces vozes convites para a frequência à mesa de amor e caridade. A primeira das vozes que por nós passou claramente disse: *Vinum non habent*, e a fraca ainda repetia, muito além do ponto em que nos encontrávamos (XIII, 22-30).

Dentro da teologia medieval, que salienta não só a solidariedade dos vivos entre si, mas destes com os mortos, nos diferentes círculos do purgatório, os mortos pedem as orações dos vivos. Assim as orações pelos defuntos aparecem como um aspecto do mandamento do amor.

Em resumo, para a apresentação poética do purgatório como montanha de purificação, Dante não encontrou muito apoio na doutrina da Igreja e na prática litúrgica da prece pelos falecidos. Inspirou-se, então, nas concepções populares de um reino intermediário entre a condenação e a bem-aventurança. A partir daí criou livremente sua montanha da purificação. A geografia desta montanha corresponde à estrutura inversa daquela do inferno, mas também com

ante-sala, degraus e plateau. Mas esta montanha tem uma transparência espiritual própria. As almas aí se purificam de sua impureza terrena de acordo com penitências escolhidas livremente, pois já estão salvas e sua vontade é livre. A seqüência das purificações é inversa aos castigos do inferno. Começa com os pecados mais graves de acordo com a lista dos sete pecados capitais e conforme o princípio da adequada compensação, do rito religioso, da penitência e da meditação passa-se à purificação dos mais leves. Todo este sistema de ações ético-religiosas realiza-se numa paisagem poética, variando com a luz do dia. Descreve a degeneração de príncipes, da nobreza e da Igreja, recordando os amigos da juventude: artistas, poetas, pintores, músicos e nobres no sonho de uma solidariedade que transcende o tempo.

5 - O Paraíso

Ao sair do purgatório, Beatriz adverte Dante de que já se adentra na aura luminosa do paraíso. O poeta invoca Apolo para que o inspire a cantar sua ascensão ao paraíso (I). Aí a arte recebe a marca da mais autêntica experiência vital através da participação do artista na ação em comunhão com Beatriz. A subida, de céu em céu, acontece pela fixação do olhar na própria irradiação luminosa nos olhos de Beatriz.

A terceira parte do poema baseia-se no sistema geocêntrico concebido por Ptolomeu, como vigorava na concepção geral na época de Dante. Segundo essa concepção, a terra ficaria imóvel, enquanto nove planetas (nove céus, no poema) girariam ao seu redor. Chega ao primeiro céu – espécie de anteparaiso – onde estão os bem-aventurados que não cumpriram seus votos, pois não lutaram heroicamente contra as tentações do mundo. Neste céu – o céu da lua – as almas ainda guardam vestígios das fraquezas terrenas. Beatriz resolve as dúvidas de Dante a respeito do ensinamento de Platão sobre as almas que, com a morte, retomam às estrelas de onde vieram e a respeito da violência exercida sobre a vontade de alguém (IV); esclarece, ainda, a natureza do voto religioso e discorre sobre o problema de sua compensação e ambos se elevam ao segundo céu. Neste – o de Mercúrio – estão os que praticaram boas obras, mas visando mais a recompensa terrena do que por amor de Deus. Depois de conversar com o Imperador Justiniano, Dante e Beatriz sobem ao terceiro céu, o céu de Vênus, habitado por aqueles que amaram muito. O quarto – o céu do sol e das potestades – reúne os sábios. Entre os teólogos, Dante identifica Tomás de Aquino, que lhe dirime algumas dúvidas e lhe fala de S. Francisco de Assis, e S. Boaventura, que lhe fala sobre vida e obra de S. Domingos (X-XII). Beatriz conduz Dante ao quinto céu, o céu de Marte, onde, movidos pelas artes e virtudes, estão os que heroicamente lutaram por Cristo e pela fé. O poeta encontra o seu trisavô, que o acolhe afetuosamente, conta sua vida, lembra a bela Florença de outrora (XV), lhe explica as profecias ouvidas no inferno e no purgatório quanto a seu próximo exílio e encoraja-o a retornar à terra (XVII). No sexto – o céu de Júpiter – governado pelas dominações, estão as almas dos

governantes justos. As almas af formam a figura de uma águia, símbolo da justiça divina. Esta águia fala-lhe dos governantes injustos. O poeta eleva-se ao sétimo céu, o céu de Saturno, no qual se mostram os espíritos contemplativos sobre uma escada imensa e luminosa. Aparece-lhe S. Pedro Damiano, o qual censura os pastores que se transviaram em sua missão apostólica (XXI). Depois de ouvir S. Bento, o poeta alça-se ao oitavo céu, o céu das estrelas fixas, no ponto em que estava exatamente a constelação dos Gêmeos (XXII). Mostra-se, ao poeta, a alegoria do triunfo de Cristo. O próprio filho de Deus desce das alturas numa luz muito forte. Juntamente com Ele aparece Maria, coroada pelo arcanjo Gabriel e com os santos do Novo e Velho Testamentos (XXIII). A pedido de Beatriz, S. Pedro faz algumas perguntas a Dante sobre a fé. O poeta responde com tanta propriedade que o santo o aprova com admiração profunda (XXIV). Aparece-lhe também S. Tiago, que o interroga sobre a esperança e S. João evangelista que o pergunta sobre a caridade. Depois a alma de Adão se junta aos três apóstolos para esclarecer algumas coisas obscuras de sua vida ao visitante (XXV). S. Pedro fala ao poeta com indignação contra os erros e desvios da Igreja e, com Beatriz, sobe ao nono céu (XXVII). No alto vê um intenso foco de luz, ao redor do qual se postam riote anéis em movimento. Beatriz explica-lhe que o ponto luminoso representa a divindade e os anéis móveis os coros angélicos, a cuja influência obedecem os nove céus abaixo (XXVII). Beatriz fala-lhe longamente sobre a criação e a natureza dos anjos e faz uma censura aos falsos pregadores que abandonam a Escritura para ludir a boa fé de seus ouvintes (XXIX). À medida que se aproximavam os nove coros angélicos, crescia a radiosa beleza de Beatriz, e o poeta se viu elevado ao empíreo, sede da divindade. Viu-se diante de um rio de luz, que logo assumiu forma circular, como a de uma imensa rosa em cujas pétalas se mostravam os ocupantes do paraíso. O poeta procura Beatriz e não mais a encontra. Apresenta-lhe, então, S. Bernardo que o convida a levantar os olhos à orla superior da rosa paradisíaca onde se manifesta a figura mais gloriosa de Maria (XXXI). Finalmente S. Bernardo pede a intercessão de Maria para habilitar o poeta a contemplar a essência divina. Este viu o ponto luminoso desdobrar-se em três anéis como numa representação do mistério da Trindade, sendo que num deles se apresenta a forma do rosto, representando o mistério da encarnação (XXXIII).

No paraíso, a criação lingüística e metafórica atinge a culminação do sobrenatural, pois, à tensão poética e intelectual, que encaminha à posse do mistério divino, tem que corresponder uma adequada tensão estilística. Na concepção dantesca, o paraíso situa-se fora da esfera terrena, ao redor da qual giram, segundo a doutrina ptolemaica, nove céus concêntricos. Dante ainda coloca outro que abrange os anteriores e que é a morada de Deus e dos bem-aventurados, ou seja, o Empíreo. Beatriz, que sucedeu a Virgílio nas funções de guia, conduz o poeta através dos nove céus e, nesta viagem, encontra muitos personagens. Mas no paraíso é muito difícil distingui-los, porque é o canto da luz, da música, do movimento, das formas geométricas perfeitas. Apenas a maior luminosidade de Beatriz indicará ao poeta quando passou de um céu a

outro. Os bem-aventurados não têm rosto que os define. Entretanto, no céu também ocorrem episódios e situações famosas. A maior expressão poética corresponde ao Empíreo no qual, depois de uma visão de um rio de luz, com chispas e fulgores, entre flores de ouro e rubis, se chega à imensa rosa branca dos santos. Agora é S. Bernardo que preferiu o amor a Deus à própria ciência teológica que, numa solene prece, pede a Virgem Maria para que Dante possa contemplar a Deus. O poeta tenta transmitir-nos suas três intuições da essência divina: a unidade, a Trindade e a encarnação. Sua vontade já pode girar em uníssono com a de Deus, do amor que tudo move.

No paraíso também há passagens de difícil interpretação ou quase herméticas como a cruz de Marte:

De iguais feições, qual constelação luzindo em Marte, aqueles raios formam, cruzando-se em retângulo, o sagrado sinal-da-cruz. Minha memória bem recorda o entrevisto, mas não basta o meu engenho para o descrever. Naquela cruz lampejava o Cristo e não alcanço dizê-lo em palavra. Aquele, porém, que foi salvo por abraçar a Cristo, desculpar-me-á por quanto eu não houver dito. De uma a outra extremidade dos braços e do mais alto ao mais baixo da cruz, movimentavam-se fogos mil, rutilando ainda mais ao encontrar-se e ao deixar-se (XIV, 92-111).

No céu tudo é o contrário do inferno. Há luzes e cânticos. No alto do céu, os anjos formam uma espécie de coroa mística, em cujo centro, radiante de luz e de santidade, está a Virgem Maria. Acima da Virgem, cercado por três círculos de fogo, está a Santíssima Trindade. Dante aí confessa os limites de sua inteligência:

Na profunda e clara essência de Deus, três círculos surgiram que me pareceram de três cores distintas, mas de igual conformação. Semelhando lris que de lris fosse reflexo, acreditei que de ambos, por modo igual, derivava a flama do terceiro. Oh! como é pobre a expressão humana para descrever o que vil Toda ela, a mais alta, não bastaria para reproduzir o mínimo que eu pretendesse referir. Ó lume eterno, que em ti próprio tens sede, só tu a ti mesmo entendes e por ti és entendido, e amas e te comprazes nesse entendimento (XXXIII, 116-126).

Dante conclui:

Neste ponto faltou alento à minha inspiração. Mas já, então, Deus dominava minha vontade, fazendo-a conforme ao seu amor, qual roda obediente ao mando do motor – amor que move o sol e as mais estrelas (XXXIII, 142-150).

Assim o poeta cumpriu sua missão. Viu a suprema potestade e reencontrou o bom caminho. Por isso pode concluir seu poema.

Em resumo, se o purgatório se inspira num mito geográfico, o paraíso representa o mito cosmológico de acordo com o sistema ptolomaico. Acresce o sentido teológico numa expressão poética. Como peregrino, Dante experimenta o inferno e o purgatório. O sentido teológico desta peregrinação é a ascensão mística da alma que Dante simboliza nos diferentes degraus do cosmo. Cristianizou a doutrina platônica sobre as estrelas. Embora o emprego fosse a habitação dos bem-aventurados, esses aparecem transitoriamente nas estrelas que lhes correspondem, pois as estrelas são mediadoras de forças divinas e se relacionam misteriosamente com as disposições do homem. Desta maneira o poeta pode estabelecer uma harmonia entre a natureza das estrelas e o sistema das virtudes cristãs, entre a vida ativa e a vida contemplativa com seus graus de perfeição. De outro lado, conforme o neoplatonismo, as esferas estelares irradiam o espírito divino. Assim Beatriz é, ao mesmo tempo, a amada e símbolo da sabedoria divina.

6 - Tentativa de interpretação

Dante imortalizou grandes temas humanos e religiosos pela arte, embora alguns símbolos sejam de difícil exegese. Os demônios e os rios infernais são tomados da mitologia clássica para receberem significado cristão. Mas é difícil interpretar, por exemplo, o Nobre Castelo do canto IV do Inferno; as Hárpias do canto XIII, as quatro estrelas, os juncos com que Virgílio cinge Dante e o próprio Catão, guardião do purgatório; a cruz de Marte (Canto XIV), a águia de Júpiter (XVIII) e a própria rosa mística (XXX) no paraíso. Todo o poema está cheio de episódios e encontros nos quais se revelou a capacidade criadora extraordinária do artista.

Ler Dante significa compreender melhor o mundo espiritual da época.

A visão dantesca provavelmente nasceu do espírito do poeta à imagem de outras visões com a sua tradição cultural, especialmente eclesástica e, de modo especial, monástica. Na solidão do mosteiro, espíritos solitários viajavam não raro através do outro mundo com o objetivo de levar a alma pecadora pela visão dos tormentos ou o antegozo da glória, a voltar-se para o divino. Dante realiza seu plano em forma de viagem imaginária pelo inferno, purgatório e paraíso, um juízo sobre sua época. O poeta pronuncia este juízo de acordo com a ética aristotélica na forma cristã dada por Tomás de Aquino.

Dante foi um homem de três paixões: a política, a poesia e Beatriz. Mas foi também um místico: "Ó, como é pobre a expressão humana para descrever o que vil Toda ela, a mais alta, não bastaria para reproduzir o mínimo que eu pretendesse referir" (Paraíso, XXXIII, 121-123). Na *Divina comédia*, Dante segue o caminho proposto pelos místicos; a vida purgativa (orações, penitências, boas obras) para chegar à contemplativa (desprezo de si mesmo, visão de Deus) e a vida unitiva (união direta da alma com Deus). A primeira etapa cumpriu no inferno, a segunda no purgatório, enfim, o paraíso.

Na *Divina comédia*, a viagem e a trajetória intelectual-espiritual coincidem com a via dos místicos, com os três momentos centrados na razão, na fé e no amor. No primeiro, Dante oscila entre a valorização do humanismo e do racionalismo da cultura clássica e a impossibilidade de com eles compreender os mistérios divinos. No segundo enfatiza a fé como caminho para a salvação, mas sem renegar a filosofia. Ter fé, para Dante, era esperar alcançar algo que não possuía e compreender algo que não via: a Verdade Divina. Nessa viagem, guiado pela fé, precisa cumprir vários rituais e superar obstáculos para se purificar e ser digno de alcançar sua meta (ritos de passagem). Assim para entrar no purgatório, Dante teve que subir três degraus, um de mármore branco e liso, outro enegrecido e o último cor de sangue vivo. Esses três degraus simbolizam o sacramento da penitência em suas três partes: a contrição do coração, o arrependimento que deixa a alma límpida sem as manchas do pecado; a acusação que mostra a escuridão da alma; o cumprimento da obra, ou seja, a realização de atitudes de caridade e amor.

Outro rito é do anjo que, com a ponta da espada, gravou sete "P" na testa do poeta, lembrando os sete pecados capitais a serem expiados nos sete círculos do purgatório, um de cada vez. Cada vez que o poeta deixa um dos círculos, o anjo por um movimento de asas apaga um "P", indicando que aquele pecado fora apagado. Quando chega ao paraíso terrestre, antes de subir ao céu, Dante ouve a dura advertência de Beatriz pela vida pecaminosa que levava.

Purificado, o poeta entra no céu. Já no oitavo céu, próximo da divindade, é interrogado sobre as virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. Examinado e aprovado pela comissão constituída por S. Pedro (fé), S. Tiago (esperança) e S. João (caridade) está preparado para contemplar Deus. Dante concebe Deus como razão, como luz e como amor.

Sob o aspecto moral, a *Divina comédia* é uma alegoria que resume em si, na poesia mais excelsa, todos os gêneros; concepção orgânica e arquitetura harmoniosa, poesia de exaltação ou desespero coletivo e individual (épica e lírica): como a ação de pessoas e almas e símbolos herméticos, poesia dramática. Há a poesia didática e moralizante.

Hilário Franco Júnior, professor do Departamento de História da USP, num estudo sobre "O poeta que amava o amor: o discurso de Dante Alighieri", interpreta a figura de Beatriz:

Dante introjeta o amor que parece se dirigir a Beatriz. Mas na verdade, ela é a imagem personalizada da Virgem, isto é, da Igreja mística, que sendo virgem, desposou contudo um esposo, o Cristo. Ela é a luz que lhe aparece quando a meio caminho desta vida, achei-me a errar por uma selva escura, conduzindo-a desde os submundos até o próprio Cristo. Ela é o elo de ligação, a imagem particular do poeta correspondente

àquilo que teologicamente então se consolidava, o purgatório, o mundo intermediário. Enfim, em termos junguianos, talvez possamos dizer que iniciado seu processo de individuação, Beatriz foi sua *anima* condutora ao encontro de seu paraíso pessoal, da harmonização de seu ego com *self*, do encontro consigo mesmo (Rev. *Ler História*, nº 11 (1897), p.24).

Pouco adiante conclui:

Noutros termos, Beatriz é a Virgem, que é a face feminina de Deus, que é o próprio amor (...) Isto é, na verdade, o poeta em última análise não amou suas amadas, mas o Amor (*Ler História*, nº 11 (1897), p.24).

Enfim, Beatriz simboliza a sabedoria divina.

A *Divina comédia* é uma obra singular dentro da literatura universal unindo o caráter épico, dramático e didático. A obra apresenta-se com uma visão do além. No centro está o poeta peregrino, dando a imagem do além a forma de uma viagem e a apresentação das almas a forma de encontros, dramatizando toda a descrição dos três reinos como experiência pessoal. Assim, através do diálogo com os guias Virgílio (Inferno e purgatório) e Beatriz (paraíso) e com as almas, o poeta pode dar grande vivacidade, detalhando com a força da palavra, os destinos de individualidade conhecidos e desconhecidos. A originalidade do poeta consiste em apresentar seu saber não como outras enciclopédias ou visões medievais em forma de descrição doutrinária, mas em descrever uma peregrinação pelos reinos do além como experiência pessoal e universal, uma experiência inesquecível. Com paixão política, patriótica e cristã, crítica não o pontificado em si, mas os pontífices enquanto soberanos temporais. Na forma de um juízo do exilado, conseguiu immortalizar cada personagem que encontrou de acordo com seu castigo, com sua penitência purificadora ou em sua bem-aventurança. Com fundamentação teológica, julgando em nome de Deus, encontrou uma possibilidade impressionante para, através de recursos psicológicos e artísticos, esclarecer o destino do homem.

Enfim, a *Divina comédia* de Dante Alighieri é uma viagem de sonho e poesia através do Inferno, do purgatório e do paraíso, numa síntese admirável de religião, ciência e filosofia. É uma obra com caráter individual e particular e, ao mesmo tempo, universal e genérico; temporal e, ao mesmo tempo, eterno. Toca mais ao coração que à razão pela lucidez poética, irradiando força e beleza divinas. Dante procura dar a sua concepção política um indispensável fundamento teológico. É o maior poema narrativo que o mundo cristão medieval ofereceu à posteridade.

Por ocasião do 6º Centenário da morte de Dante, o papa Bento XV afirmou:

Pensamos ser dever nosso celebrar este jubileu secular com um sentimento de complacência e de gratidão e com a maior solenidade, pela ra-

zão especial que Alighieri é nosso... Ele formou seu pensamento em princípios baseados no mais profundo da fé católica; nutriu sua alma nos mais altos sentimentos de humanidade e de justiça. Abatido pelas amarguras do desterro e dos infortúnios, excitado pelas paixões dos partidos, por vezes lhe parece faltar a equidade do juízo, mas nunca se afastou da doutrina católica.

BIBLIOGRAFIA

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1979 (tradução, anotações e comentários de Cristiano Martins).

— . *A divina comédia*. S. Paulo, Círculo do Livro, s.d. (tradução, prefácio e notas de Hemani Donato). A maioria das citações transcrevemos dessa tradução.

— . *Obras completas de Dante Alighieri*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1960.

HOLMES, George. *Dante*. Lisboa, Dom Quixote, 1981.